

# SHIRLEY JACKSON



## CONTOS SOMBRIOS



cavalo de ferro

## ÍNDICE

A possibilidade do mal .....	9
Louisa, por favor, volta para casa .....	23
Paranóia .....	46
A lua-de-mel de Mrs. Smith .....	60
A história que costumávamos contar.....	75
O Aprendiz de Feiticeiro.....	85
Jack, o Estripador .....	93
O belo desconhecido .....	99
Ela apenas disse que sim .....	109
Que pensamento .....	126
O autocarro.....	131
Tesouros de família .....	149
Uma visita .....	166
A boa esposa .....	196
O homem na floresta.....	206
Casa .....	223
Os veraneantes.....	235

## A POSSIBILIDADE DO MAL

Miss Adela Strangeworth avançou com elegância pela Main Street, a caminho da mercearia. O sol brilhava, o ar estava fresco e limpo depois da chuva torrencial que caíra durante a noite, e tudo na pequena vila de Miss Strangeworth parecia lavado e resplandecente. Ela respirou fundo várias vezes e considerou que nada no mundo se equiparava a um dia perfumado de Verão.

Naturalmente, conhecia todos os habitantes da vila; e gostava de dizer aos forasteiros – turistas de passagem que paravam a admirar as suas rosas – que, em toda a sua vida, que fora longa, nunca se ausentara daquele lugar por mais de vinte e quatro horas. Tinha setenta e um anos, dizia-lhes, com duas covinhas encantadoras a despontar ao lado dos lábios, e às vezes dava por si a pensar que a vila lhe pertencia.

– O meu avô construiu a primeira casa na Pleasant Street – explicava, esbugalhando os olhos azuis com o assombro que isso ainda lhe causava. – Esta casa, aqui mesmo. A minha família já vive nesta vila há mais de cem anos. Foi a minha avó quem plantou estas rosas, e a minha mãe cuidou delas, tal como eu. Vi a minha vila crescer; lembro-me do dia em que Mr. Lewis, pai, abriu a mercearia, do ano em que o rio inundou as barracas na rua de baixo, e do rebuliço quando uns jovens quiseram deslocar o parque para o espaço à frente do

lugar onde hoje fica a nova estação dos correios. Queriam lá pôr uma estátua de Ethan Allen — Miss Strangeworth franzira ligeiramente o sobrolho e fazia uma voz mais severa —, mas devia ter sido uma estátua do meu avô. Esta vila nunca teria existido se não fosse o meu avô e a serração.

Miss Strangeworth nunca oferecia uma das suas rosas, embora os turistas lhas pedissem com frequência. As rosas pertenciam à Pleasant Street e incomodava-a a ideia de que as pessoas as quisessem levar dali, para cidades desconhecidas, por ruas desconhecidas. Quando o novo pastor chegou, e as senhoras trataram de apanhar flores para decorar a igreja, Miss Strangeworth enviou um grande cesto de gladiólos; se lhe acontecia colher algumas rosas, colocava-as em bacias e vasos espalhados pela casa que o seu avô construía.

Ao descer a Main Street nessa manhã de Verão, Miss Strangeworth teve de parar a cada minuto, ou minuto e pouco, para saudar alguém ou perguntar como estava de saúde. Quando entrou na mercearia, meia dúzia de pessoas viraram costas às estantes e balcões para lhe acenarem ou lhe darem os bons-dias.

— Bom dia para si também, Mr. Lewis — disse ela, por fim. A família Lewis já vivia naquela vila há quase tanto tempo como os Strangeworth; mas, no dia em que o jovem Lewis saíra do liceu para ir trabalhar para a mercearia, Miss Strangeworth deixara de lhe chamar Tommy e passara a tratá-lo por Mr. Lewis, e ele deixara de lhe chamar Addie e passara a tratá-la por Miss Strangeworth. Tinham frequentado o mesmo liceu e ido aos mesmos piqueniques, bailes da escola e jogos de basquetebol; mas agora Mr. Lewis estava atrás do balcão da mercearia, e Miss Strangeworth vivia sozinha na Casa Strangeworth, na Pleasant Street.

— Bom dia — disse Mr. Lewis. — E que lindo dia — acrescentou educadamente.

– Sim, está um dia muito agradável – respondeu Miss Strangeworth, como se tivesse acabado de decidir que o dia não estava mau. – Queria uma costeleta, por favor, Mr. Lewis, uma pequena costeleta, magra, de vitela. Esses morangos são da horta do Arthur Parker? Chegaram cedo este ano.

– Ele trouxe-os esta manhã – disse Mr. Lewis.

– Vou levar uma caixa – disse Miss Strangeworth. Pareceu-lhe que o merceiro estava preocupado e hesitou um instante, mas depois decidiu que não seriam com certeza os morangos o motivo da sua preocupação. Parecia, na verdade, muito cansado. Costumava estar muito mais animado, constatou ela, e quase comentou o facto, mas era um assunto demasiado pessoal para ser apresentado a Mr. Lewis, o merceiro, pelo que se limitou a dizer: – E uma lata de comida para o gato, e talvez um tomate.

Em silêncio, Mr. Lewis reuniu os artigos pedidos em cima do balcão e aguardou. Miss Strangeworth olhou para ele com um ar intrigado.

– É terça-feira, Mr. Lewis – disse ela. – Esqueceu-se de mo lembrar.

– Esqueci-me? Peço desculpa.

– Imagine-se o senhor esquecer-se de que eu compro sempre o meu chá à terça-feira – observou, com delicadeza. – São cem gramas de chá, por favor, Mr. Lewis.

– É tudo, Miss Strangeworth?

– Sim, obrigada, Mr. Lewis. Está um lindo dia, não é verdade?

– Lindo – disse ele.

Miss Strangeworth chegou-se um pouco para o lado para abrir espaço para Mrs. Harper ao balcão.

– Bom dia, Adela – disse Mrs. Harper.

– Bom dia, Martha – respondeu Miss Strangeworth.

– Um lindo dia – comentou Mrs. Harper.

– Sim, lindo – respondeu Miss Strangeworth.

Sob o olhar de Mrs. Harper, Mr. Lewis aquiesceu.

– Fiquei sem açúcar para a cobertura do bolo – explicou Mrs. Harper, e a mão tremeu-lhe um pouco quando abriu a carteira. Miss Strangeworth olhou-a de relance e interrogou-se se ela estaria a cuidar bem de si própria. Martha Harper já não era nova. Provavelmente precisava de um bom tónico, um daqueles fortes.

– Martha – disse ela –, não pareces bem.

– Estou óptima – replicou Mrs. Harper com secura. E entregou o dinheiro a Mr. Lewis, aceitou o troco e o açúcar, e voltou a sair sem dizer palavra. Miss Strangeworth seguiu-a com os olhos e abanou a cabeça. Martha *não* parecia, de facto, bem.

Com o pequeno saco das compras na mão, Miss Strangeworth saiu da loja para a luz forte do Sol e espreitou com um sorriso o bebé Crane. Don e Helen Crane eram realmente os jovens pais mais babados que ela alguma vez conhecera, pensou com complacência enquanto reparava na touca com um bordado delicado e na cobertura ornada de renda do carrinho de bebé.

– Essa menina vai crescer convencida de que a vida só lhe trará luxos – observou, dirigindo-se a Helen Crane.

Helen riu-se.

– É como queremos que ela se sinta. Como uma princesa.

– Uma princesa pode ser um grande sarilho – replicou Miss Strangeworth com secura. – Que idade tem sua alteza neste momento?

– Faz seis meses na próxima terça-feira – disse Helen Crane, espreitando a filha com deliciada admiração. – Mas tenho andado preocupada. Não acha que ela se devia mexer um pouco mais? Tentar sentar-se, por exemplo?

– As mães recentes são peritas em inventar preocupações – respondeu Miss Strangeworth.

– Ela parece-me... lenta. É só isso.

– Tolices. Os bebés são todos diferentes. Alguns desenvolvem-se muito mais depressa do que outros.

– É o que a minha mãe diz – disse Helen Crane, rindo, um pouco envergonhada.

– Imagino que tenha posto o jovem Don num desassossego só porque a filha já tem seis meses e ainda não começou a aprender a dançar?

– Não partilhei isto com ele. Deve ser porque é tão preciosa que me preocupo com ela o tempo todo.

– Nesse caso, peça-lhe já desculpa – disse Miss Strangeworth. – *Ela* é que deve estar preocupada com o facto de a mãe andar sempre à sua volta.

Com um sorriso secreto no rosto e a abanar a cabeça venerável, Miss Strangeworth desceu a rua ensolarada. Parou uma vez para perguntar a Billy Moore por que razão não estava a conduzir o reluzente carro novo do pai, e outra para trocar dois dedos de conversa à porta da biblioteca com Miss Chandler, a bibliotecária, acerca dos novos romances que seriam requisitados e pagos pelas verbas anuais da biblioteca. Miss Chandler parecia distraída, como se estivesse a pensar noutra coisa, e Miss Strangeworth reparou que ela não se penteara lá muito bem nessa manhã, e deixou escapar um suspiro. Se havia coisa que odiava era o desleixo.

Ultimamente, vira muitas pessoas com um ar alterado. Ainda no dia anterior, Linda, a filha dos Stewart, de quinze anos, saíra de casa a correr lavada em lágrimas, e fora até à escola nesses preparos, sem se preocupar com quem a pudesse ver naquele estado. As pessoas na cidade pensaram que talvez tivesse sido uma briga com o rapaz dos Harris, mas apareceram juntos na loja dos refrigerantes, depois das aulas, como era hábito, ambos com um ar soturno e desolado. Problemas domésticos, deduziram as pessoas, suspirando ante a dificuldade de tentar criar os filhos nestes tempos modernos.

A meio do quarteirão, Miss Strangeworth sentiu o perfume intenso das suas rosas e estugou o passo. O perfume das rosas significava casa, e casa significava a Casa Strangeworth na

Pleasant Street. Miss Strangeworth deteve-se no portão da frente, como fazia sempre, e olhou com um contentamento profundo para a sua casa, com as rosas vermelhas, cor-de-rosa e brancas amontoadas ao longo do relvado estreito, e a trepadeira a subir até ao alpendre; as linhas inacreditavelmente simples e direitas do edifício, com a sua elegância própria e o branco lavado das paredes. Todas as janelas cintilavam, não havia cortina que não caísse rígida e direita, e até as pedras do passeio em frente estavam limpas e varridas. As pessoas da cidade interrogavam-se como é que a velha Miss Strangeworth conseguia manter a casa com aquele aspecto, e contava-se a história de um turista que um dia a confundira com o museu local e avançara pela propriedade sem se dar conta do seu erro. Mas a cidade orgulhava-se de Miss Strangeworth, das suas rosas e da sua casa. Todos tinham crescido juntos.

Miss Strangeworth subiu os degraus da frente, abriu a porta de casa com a sua chave e dirigiu-se para a cozinha para pousar as compras. Ponderou beber uma chávena de chá, mas decidiu que já estava quase na hora do almoço; não teria apetite para a pequena costeleta de vitela se tomasse o seu chá nesse momento. Em vez disso, foi até à luminosa, encantadora sala de estar, ainda resplandecente das mãos da sua mãe e da sua avó, que haviam forrado as cadeiras com uma chita cintilante e pendurado os cortinados. Toda a mobília era frugal e brilhante, e os tapetes redondos e curvos tinham sido obra da avó e da mãe. Miss Strangeworth deixara uma bacia de rosas vermelhas em cima da mesa baixa à frente da janela, e o perfume das rosas inundara a sala.

Dirigiu-se, então, para a escrivaninha estreita que havia no canto e abriu-a com a sua chave. Como nunca sabia quando sentiria vontade de escrever cartas, guardava o bloco de notas lá dentro e mantinha a escrivaninha trancada. O seu papel de carta habitual era espesso e de cor creme, com «Strangeworth House» gravado no cimo, mas, quando sentia vontade de

escrever as outras cartas, usava um bloco de papel de várias cores, comprado na papelaria da zona. Era quase uma piada, aquele papel colorido, com camadas de rosa, verde, azul e amarelo; todos os habitantes da vila o compravam para tirar notas soltas e casuais ou escrever listas de compras. Era costume dizer-se, quando se recebia um bilhete escrito numa folha azul, que fulano tal precisaria em breve de um novo bloco de notas – e ela já ali estava, em plena camada azul. Todos usavam os envelopes a condizer para pôr as receitas, guardar pequenas coisas avulsas, ou acomodar bolachas nas lancheiras da escola. Mr. Lewis chegava a dá-los às crianças para levarem os rebuçados para casa.

Embora a escrivanhinha de Miss Strangeworth contivesse uma pena com aparo que pertencera ao avô e uma caneta de tinta permanente com um banho de dourado fosco que pertencera ao pai, Miss Strangeworth usava sempre um lápis de bico grosso quando escrevia as suas cartas, e uma letra infantil e encorpada. Depois de pensar uns instantes, embora tivesse formulado o conteúdo da carta no fundo do pensamento enquanto regressava a casa, escreveu numa folha cor-de-rosa: *Nunca tinhas visto uma criança deficiente? Certas pessoas não deviam simplesmente ter filhos, pois não?*

Estava satisfeita com a carta. Agradava-lhe fazer as coisas com precisão. Quando cometia um erro, o que por vezes acontecia, ou quando as letras não estavam agradavelmente espaçadas na página, levava-a para o forno da cozinha e queimava-a de imediato. Miss Strangeworth nunca adiava o que tinha de fazer.

Depois de pensar um minuto, decidiu que gostaria de escrever mais uma carta, talvez dirigida a Mrs. Harper, para acrescentar às outras que já enviara pelo correio. Escolheu desta vez uma folha verde e escreveu depressa: *Já descobriste por que razão se desataram todos a rir depois de saíres do clube de*

bridge na quinta-feira? Ou a mulher é mesmo sempre a última a saber?

Miss Strangeworth nunca se preocupava com os factos; as suas cartas ficavam-se pela suspeita, uma matéria mais negociável. Nunca teria passado pela cabeça de Mr. Lewis que o neto lhe andava a roubar uns trocos da caixa registadora da loja se não tivesse recebido uma das cartas de Miss Strangeworth. Miss Chandler, a bibliotecária, e os pais de Linda Stewart teriam seguido com as suas vidas sem suspeitar do que quer que fosse, nunca cientes da possibilidade de o mal estar à espreita nas imediações, se Miss Strangeworth não lhes tivesse enviado cartas para lhes abrir os olhos. A própria Miss Strangeworth teria ficado genuinamente chocada se tivesse havido alguma coisa entre Linda Stewart e o rapaz dos Harris, mas, enquanto o mal existisse à solta no mundo, cabia-lhe manter a cidade em estado de alerta. Era muito mais sensato que Miss Chandler se perguntasse qual fora a verdadeira causa da morte da primeira mulher de Mr. Shelley do que correr o risco de não o saber. Havia muitas pessoas perversas no mundo e restava apenas uma Strangeworth na cidade. Além disso, Miss Strangeworth gostava de escrever as suas cartas.

Pensou uns instantes e dirigiu um envelope a Don Crane, interrogando-se se ele mostraria a carta à mulher e usando um sobrescrito cor-de-rosa para condizer com o papel de carta da mesma cor. Depois, dirigiu um segundo envelope, de cor verde, a Mrs. Harper. Em seguida, lembrou-se de algo, escolheu uma folha azul e escreveu: *Com os médicos, nunca se sabe. Lembre-se de que são humanos como os outros e que precisam tanto de dinheiro como nós. Imagine que a faca lhe escorregou acidentalmente. Será que o Doutor Burns receberia na mesma o seu pagamento, com aquele pequeno suplemento pago pelo seu sobrinho?*

Dirigiu o segundo envelope à velha Mrs. Foster, que seria operada no mês seguinte. Ponderara escrever mais uma carta

ao director do conselho da escola, a perguntar-lhe como é que um professor de Química como o pai de Billy Moore tinha dinheiro para comprar um novo descapotável, mas cansou-se de repente de escrever cartas. As três que já tinha escrito eram suficientes para um dia. Escreveria mais no dia seguinte; não tinham de ser todas escritas ao mesmo tempo.

Começara a escrever as suas cartas nesse último ano – às vezes duas ou três por dia durante uma semana, outras não mais do que uma por mês. Nunca obtinha resposta, claro, porque não assinava com o seu nome. Se lhe tivessem perguntado, teria respondido que Adela Strangeworth, um nome honrado naquela vila durante tantos anos, não pertencia a esse lixo. Era imperativo que a vila onde ela vivia se mantivesse limpa e amável, mas as pessoas de um modo geral eram gananciosas, más e perversas, e tinham de ser vigiadas; o mundo era vasto e nele só restava um membro da família Strangeworth. Miss Strangeworth suspirou, trancou a escrivaninha e guardou as cartas na sua grande mala de pele preta, para as pôr no correio quando desse o seu passeio de fim de tarde.

Assou a pequena costeleta a preceito e já tinha um tomate cortado às fatias e uma boa chávena de chá prontos quando se sentou à mesa para almoçar na sala de jantar, que podia ser aberta para acomodar vinte e duas pessoas, com uma segunda mesa, se necessário, no salão. Sentada à luz quente do Sol que entrava pelas janelas altas com vista para os frondosos canteiros de rosas, segurando nas mãos os seus velhos e pesados talheres de prata e a porcelana fina, quase translúcida, do serviço de jantar, Miss Strangeworth deu-se por satisfeita: não lhe agradaria fazer senão o que estava a fazer. No fim de contas, as pessoas deviam viver com elegância, pensou, enquanto bebericava o seu chá. Mais tarde, quando o prato, a chávena e o pires já estavam lavados, secos e arrumados nos respectivos lugares, e os talheres guardados na sua arca de prata e mogno, Miss Strangeworth subiu a bonita escadaria e entrou

no seu quarto, que era o da frente, com vista para o roseiral, e que já fora o quarto da sua mãe e da avó. Era ali que estavam o conjunto de toucador Crown Derby, as peles, os leques, as escovas de prata e as bacias de rosas que lhes tinham pertencido: Miss Strangeworth tinha a sua bacia de rosas brancas na mesa de cabeceira.

Correu os cortinados, tirou a colcha de cetim cor-de-rosa que cobria a cama, despiu o vestido e os sapatos e deitou-se com lassidão. Sabia que nenhuma campainha ou telefone haveria de tocar; ninguém na vila inteira se atreveria a incomodar Miss Strangeworth durante a sua sesta da tarde. E dormiu, um sono profundo, no meio do perfume intenso das rosas.

Depois da sesta, trabalhou um pouco no jardim, mas poupou-se porque o dia estava quente. Comeu espargos da sua horta, com molho de manteiga doce e um ovo escalfado e, enquanto jantava, ouviu o noticiário e um programa de música clássica no seu pequeno aparelho de rádio. Depois de lavar a louça e de pôr a cozinha em ordem, pegou no chapéu — os chapéus de Miss Strangeworth eram proverbiais na cidade; as pessoas julgavam que ela os herdara da mãe e da avó — e, fechando a porta de casa atrás de si, partiu para o seu passeio de fim de tarde, com a mala debaixo do braço. Acenou ao pai de Linda Stewart, que aproveitava o ar fresco do crepúsculo para lavar o carro. E achou que ele parecia perturbado.

Só havia um lugar na cidade onde ela podia pôr as cartas no correio, que era o novo posto, com a sua brilhante fachada de tijolo vermelho e letras prateadas. Embora Miss Strangeworth nunca tivesse pensado no assunto, fizera sempre questão de enviar as suas cartas com a máxima discrição possível; naturalmente, não seria sensato deixar que alguém a visse. Como tal, planeava o percurso de modo a chegar ao posto de correios no preciso momento em que a escuridão começava a esbater os contornos das árvores e dos rostos das pessoas,

embora ninguém alguma vez pudesse confundir Miss Strangeworth, com o seu andar gracioso e as suas saias sussurrantes.

Havia sempre um grupo de jovens à volta do posto dos correios, os mais novos a patinar no caminho de acesso, que dava a volta ao edifício e era a única estrada lisa da cidade; e outros, um pouco mais velhos, que já sabiam reunir-se em pequenos grupos, a rir e a conversar, e já faziam grandes planos para atravessar a rua e ir à loja de refrigerantes dentro de um ou dois minutos. Miss Strangeworth nunca fora acanhada com as crianças. Não sentia que alguma delas a olhasse indevidamente ou ansiasse por se rir dela; teria sido muito repreensível da parte dos pais permitirem que os seus filhos fizessem troça de Miss Strangeworth da Pleasant Street. A maior parte das crianças recuava respeitosa quando ela passava e silenciava-se por uns instantes na sua presença, e algumas das mais velhas saudavam-na, dizendo com sobriedade «Olá, Miss Strangeworth».

Miss Strangeworth sorria-lhes e apressava-se a seguir o seu caminho. Já passara muito tempo desde que soubera o nome de todas as crianças da vila. A caixa do correio encontrava-se na porta do posto. As crianças afastaram-se quando ela se aproximou, surpreendidas com o facto de alguém querer usar os correios depois de o posto ter fechado ao final do dia e sido entregue às suas brincadeiras. Miss Strangeworth deteve-se diante da porta, abriu a mala preta para tirar as cartas e ouviu uma voz que associou de imediato a Linda Stewart. A pobrezinha estava outra vez a chorar, e Miss Strangeworth ouviu-a com atenção. Aquela era, afinal, a sua vila, e as crianças os seus concidadãos; se alguma delas andava metida em sarilhos, ela tinha de saber o que se passava.

— Não te posso contar, Dave — dizia Linda —, ela estava *mesmo* a falar com o rapaz Harris, como Miss Strangeworth tinha suposto —, *não* posso. É *nojento*.

– Mas porque é que o teu pai já não me deixa ir a tua casa? Que diabo fiz eu?

– Não te posso dizer. Não te diria por nada deste mundo. Só uma mente muito, muito suja seria capaz de tais pensamentos.

– Mas alguma coisa aconteceu. Tens estado a chorar sem parar, e o teu pai está tão zangado! Porque é que *eu* não posso saber também o que se passa? Não era eu como um membro da família?

– Já não és, Dave, já não és. Não podes voltar a aproximar-te da nossa casa; foi o meu pai quem o disse. Ele disse que te dava com o chicote. Não te posso dizer mais nada: já não podes voltar a entrar na nossa casa.

– Mas eu não *fiz* nada.

– Não importa, o meu pai disse...

Miss Strangeworth suspirou e virou-lhes as costas. Havia tanto mal nas pessoas. Mesmo numa pequena vila tão encantadora como aquela, o mal proliferava.

Enfiou as cartas na ranhura da caixa do correio, e duas caíram lá dentro. A terceira bateu na beira e caiu no chão, aos pés de Miss Strangeworth. Ela não reparou porque ponderava se uma carta para o pai do rapaz Harris não seria útil para limpar aquela potencial malvadez. Com lassidão, Miss Strangeworth virou-se para regressar a casa, à sua cama sossegada na sua maravilhosa casa, e não chegou a ouvir o rapaz Harris a chamá-la para dizer que ela tinha deixado cair uma coisa no chão.

– A velha Miss Strangeworth está a ficar surda – disse ele, a olhar para as costas dela com a carta que apanhara do chão na mão.

– E isso que importa? – disse Linda. – Que importa isso, afinal?

– É para o Don Crane – disse o rapaz –, esta carta. Ela deixou cair uma carta endereçada ao Don Crane. O melhor é levá-la até lá. A casa dele fica em caminho. – Riu-se. – Talvez

até tenha um cheque lá dentro e ele fique contente por recebê-la esta noite em vez de a receber só amanhã.

– Não estou a ver a velha senhora Strangeworth a enviar um cheque seja a quem for – disse Linda. – Deita-a na caixa do correio. Para quê fazer favores a alguém desta cidade? – Fungou. – Não me parece que alguém se preocupe connosco – disse ela. – Porque haveríamos nós de nos preocupar com eles?

– Seja como for, vou levar-lhe a carta – disse o rapaz Harris. – Talvez seja uma boa notícia para eles. Talvez também precisem de um momento de felicidade esta noite. Como nós.

Tristes, de mãos dadas, desceram a rua escurecida, o rapaz Harris com o sobrescrito cor-de-rosa de Miss Strangeworth na mão.

Miss Strangeworth acordou na manhã seguinte com um sentimento de profunda felicidade e, por uns instantes, não percebeu a que se devia, até se lembrar de que, naquela manhã, três pessoas abririam as suas cartas. Violento, talvez, para começar, mas a perversidade não era fácil de erradicar e um coração limpo era um coração purgado. Lavou a sua cara velha e macia e escovou os dentes, ainda são apesar dos seus setenta e um anos, e vestiu com aprumo a sua roupa suave e delicada e os botins com botões. Depois, ao descer as escadas, cogitando que uma pequena *waffle* seria agradável para o pequeno-almoço na sala ensolarada, encontrou correio no chão do átrio e curvou-se para o recolher. Uma conta para pagar, o jornal, uma carta num envelope verde que lhe parecia estranhamente familiar. Miss Strangeworth ficou muito quieta durante um minuto, a olhar para baixo, para o envelope verde endereçado a lápis, e pensou, parece uma das minhas cartas. Será que uma das minhas cartas foi devolvida ao remetente? Não, porque ninguém saberia a quem a enviar. Como fora ali parar?

Miss Strangeworth era uma Strangeworth da Pleasant Street. A mão não lhe tremeu quando abriu o envelope e desdobrou a folha de papel verde que se encontrava no interior. Mas começou a carpir em silêncio pela malvadez que havia no mundo quando leu as palavras: *Olha lá para fora e vê o que resta das tuas rosas.*

## LOUISA, POR FAVOR, VOLTA PARA CASA

*Louisa*, veio a voz da minha mãe através do aparelho de rádio; pregou-me um grande susto nos primeiros instantes. *Louisa*, disse ela, *por favor, volta para casa. Já passaram três longos anos desde a última vez que te vimos; Louisa, prometo-te que vai correr tudo bem. Todos sentimos a tua falta. Queremos-te de volta. Louisa, por favor, volta para casa.*

Uma vez por ano. No aniversário do dia em que fugi. De cada vez que a ouvia, ficava assustada, porque entre um ano e outro me esquecia do som da voz da minha mãe, tão suave e porém tão estranha com a sua nota de súplica. Ouvia-a todos os anos. Lera os artigos nos jornais – «Louisa Tether desapareceu há um ano», ou há dois anos, ou há três; costumava esperar pelo 20 de Junho como se fosse o dia do meu aniversário. No princípio, guardava todos os recortes de jornal, mas em segredo; com a minha fotografia em todas as primeiras páginas teria sido estranho se alguém me tivesse visto a recortá-la. Chandler, onde me escondera, ficava suficientemente perto da minha velha casa para os jornais fazerem um estardalhaço a respeito do assunto, mas claro que a razão por que escolhi vir para aqui foi porque era uma cidade com dimensão suficiente para eu me esconder.

A verdade é que não me limitei a levantar-me e a sair de forma impulsiva. Sempre soube que, mais cedo ou mais tarde,

acabaria por fugir, e fizera planos com antecedência, para quando decidisse partir. Tinha de correr tudo bem à primeira, porque não é costume termos uma segunda oportunidade neste tipo de coisas e, além disso, se tivesse corrido mal, eu teria feito uma péssima figura, e a minha irmã Carol não era de deixar que as pessoas se esquecessem das más figuras que faziam. Admito que planeei a minha fuga de propósito para o dia antes do casamento de Carol e, durante muito tempo depois disso, tentava imaginar a cara de Carol quando finalmente percebeu que a minha fuga a deixaria com menos uma dama de honor. A imprensa noticiou que o casamento, apesar de tudo, tivera lugar à hora programada, e Carol chegou mesmo a dizer a um dos jornais que a sua irmã teria querido que as coisas se passassem dessa maneira; «Louisa nunca teria tido a intenção de arruinar o meu casamento», declarara Carol, sabendo muito bem que seria exactamente essa a minha intenção. Tenho quase a certeza de que a primeira coisa que Carol fez quando souberam que eu tinha fugido foi contar os seus presentes de casamento para ver se eu levava algum comigo. Seja como for, o casamento de Carol até pode ter sido arruinado, mas os *meus* planos correram muito bem – melhor, na verdade, do que eu alguma vez imaginava que fosse possível. Andavam todos num corrupio pela casa a distribuir as flores e a perguntar uns aos outros se o vestido da noiva já fora entregue, a abrir caixas de champanhe e a cismar no que iriam fazer se chovesse e não pudessem usar o jardim, e eu limitei-me a fechar a porta de casa atrás de mim e a pôr-me ao caminho. Só houve um momento mais arriscado, quando Paul me viu; Paul sempre viveu na casa ao lado da nossa e Carol ainda o odeia mais a ele do que a mim. A minha mãe costumava dizer que, sempre que eu fazia algo que envergonhava a família, Paul estava metido no assunto. Durante muito tempo, suspeitaram do seu envolvimento na minha fuga, embora Paul lhes tivesse dito repetidas vezes que eu me esforçara muito para lhe escapar, naquela

tarde, quando me encontrara a descer o caminho de acesso. Os jornais continuavam a designá-lo como «um amigo próximo da família», coisa que deve ter dado grandes alegrias à minha mãe, e a dizer que ele estava a ser interrogado a respeito de possíveis pistas do meu paradeiro. Claro que Paul nunca chegara sequer a saber que eu ia fugir; eu dissera-lhe precisamente o que tinha dito à minha mãe antes de sair – que ia fugir da confusão e do rebuliço durante algum tempo; talvez fosse à Baixa jantar uma sanduiche e depois ao cinema. Paul ainda me deteve um minuto, porque, como seria de esperar, queria vir comigo. A minha intenção não era apanhar o autocarro ao virar da esquina, mas, com Paul nos meus calcanhares a querer que eu esperasse enquanto ele ia buscar o carro para podermos sair dali e ir jantar à hospedaria, tive de sair à pressa na primeira coisa que me apareceu à frente, pelo que fui a correr apanhar o autocarro e deixei-o pendurado; foi a única alteração que tive de fazer ao meu plano.

Fui de autocarro até à Baixa, embora o meu plano inicial fosse ir a pé. Foi muito melhor assim, na verdade, uma vez que não fazia qualquer diferença se alguém me visse no autocarro a ir para o centro da minha própria cidade, e consegui um comboio mais cedo. Comprei um bilhete de ida e volta; por menor importante, porque ficariam convencidos de que eu ia regressar; era sempre essa a maneira como pensavam nas coisas. Se fazias alguma coisa, tinhas de ter uma razão para isso, porque a minha mãe, o meu pai e Carol nunca faziam nada a menos que *tivessem* uma razão para o fazer. Portanto, se eu comprasse um bilhete de ida e volta, a única razão possível para o fazer era ter a intenção de voltar. Além disso, se pensassem que eu ia voltar, eles não ficariam assustados tão depressa e talvez eu tivesse mais tempo para me esconder antes de eles virem à minha procura. O que acabou por acontecer é que Carol descobriu nessa mesma noite que eu tinha desaparecido porque

não conseguia dormir e veio até ao meu quarto em busca de uma aspirina, o que me deixou com menos tempo de vantagem do que eu imaginara.

Eu sabia que eles acabariam por descobrir que eu comprara o bilhete; não era palerma a ponto de imaginar que podia escapular-me sem deixar rasto. Todos os meus planos se baseavam no pressuposto de que as pessoas que se deixam apanhar são aquelas que chamam a atenção fazendo algo invulgar ou conspícuo, e o que eu pretendia desde o princípio era diluir-me num cenário de fundo onde nunca me encontrariam. Eu sabia que eles acabariam por descobrir que eu comprara um bilhete de ida e volta porque era uma coisa estranha numa cidade onde se vivera a vida inteira, mas foi a última coisa estranha que fiz. Pensei, quando o comprei, que saberem desse bilhete de ida e volta seria um consolo para os meus pais. Ficariam com a ideia de que, por muito tempo que eu passasse fora de casa, tinha um bilhete de volta. É verdade que, durante muito tempo, conservei esse bilhete. Costumava andar com ele na carteira como uma espécie de amuleto.

Segui a história nos jornais. Mrs. Peacock e eu costumávamos lê-los à mesa do pequeno-almoço, durante a segunda caneca de café, antes de eu sair para o trabalho.

— O que pensas desta rapariga que desapareceu em Rockville? — dizia-me Mrs. Peacock, e eu abanava a cabeça com pesar e dizia que uma rapariga tinha de ser muito louca para abandonar uma casa tão bonita e luxuosa como aquela, ou que suspeitava de que ela não saíra de todo — talvez a família a tivesse trancado algures por ser uma maníaca homicida. Mrs. Peacock adorava histórias de maníacos homicidas.

Um dia, peguei no jornal e olhei para a fotografia com atenção.

— Não acha que ela se parece um pouco comigo? — perguntei.

Algo de podre se esconde nos subúrbios da América. Uma senhora idosa vigilante dos bons costumes é a autora de cartas anónimas que semeiam a suspeita entre os vizinhos, um regresso a casa depois de um dia de trabalho transforma-se numa paranóica perseguição, uma jovem comete uma série de roubos sem que ninguém dela desconfie, um cidadão exemplar revela ser um assassino em série. Seja na comunidade, no seio familiar ou na intimidade do «eu», nada é o que parece, e nenhum lugar é seguro...

Volume póstumo, *Contos Sombrios* reúne as dezassete histórias mais perturbadoras de Shirley Jackson, incluindo «A Possibilidade do Mal», a que foi atribuído o Edgar Allan Poe Award em 1966. Considerada mestre do gótico literário e do *suspense* psicológico, a autora norte-americana inspirou gerações de escritores na forma exímia com que retrata a crueldade do quotidiano e a ambiguidade humana, num mundo onde a loucura e o terror estão à espreita.

«Shirley Jackson permanece uma das grandes intérpretes dos impulsos mais obscuros em Literatura.»

*The New York Times*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [cavalodeferro](#)

  [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-546-1



9 789895 835461